

# Sul Global: uma agenda política para pensar a comunicação?

## *Global South: a political agenda to understand communication?*

LUIZ PERES-NETO<sup>a</sup>

Universidade Autônoma de Barcelona. Barcelona – Espanha

### RESUMO

Nos últimos anos, o conceito de Sul Global tornou-se visível nas publicações de comunicação acadêmica, especialmente no contexto do Norte Global. Partindo dessa premissa, este artigo propõe, por um lado, apresentar as principais linhas utilizadas no conceito de Sul Global, e, por outro, discutir a sua apropriação no campo da comunicação, colocando em perspectiva tal utilização à luz das correntes e tradições da comunicologia ibero-americana. Discute-se até que ponto o Sul global representa uma agenda política capaz de articular um diálogo entre a produção comunicacional ibero-americana considerando as agendas – epistêmicas e metodológicas – do Norte Global, suas limitações e potencialidades a partir da experiência de um pesquisador submetido a ambas as lógicas.

**Palavras-chave:** Sul Global, epistemologia do sul, comunicação, escola latino-americana, decolonialidade

### ABSTRACT

In recent years, the idea of the Global South has become more visible in many media and communication publications, especially in the context of the Global North. Based on this premise, this study proposes to describe the main lines employed under the idea of the Global South and therefore discuss its appropriation by the field of communication in the light of Ibero-American communicology. Finally, it is stressed the extent to which the Global South represents a political agenda able to articulate dialogues between the Ibero-American epistemic and methodological traditions of communicational production and the agenda of the global north, its limitations, and potentialities from the experience of a researcher subjected to both logics.

**Keywords:** Global South, epistemology of south, communication, Latin-American school, decolonial

<sup>a</sup>Professor Lector Serra Hünter no Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação e pesquisador do Instituto da Comunicação (InCom). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8190-8720>. E-mail: [luiz.peres@uab.cat](mailto:luiz.peres@uab.cat)



CERTAS LEITURAS SÃO capazes de transformar profundamente o espírito e a conduta acadêmica de um pesquisador. Li bell hooks (2019) pela primeira vez aos 40 anos, mais de dez anos depois de apresentar minha tese de doutorado. Certamente a simples menção de um fato pessoal nesta introdução será desconfortável para alguns leitores. A reflexão autobiográfica aqui, porém, tem um duplo objetivo. Por um lado, visa localizar o contexto de produção discursiva do autor – central para qualquer interpretação, conforme Maingueneau (2018) – e romper com o espartilho da (suposta) objetividade acadêmica, generalizada a partir do Norte Global como única forma de produção de conhecimento científico válido. Portanto, é uma decisão política cujas consequências assumo. O famoso personagem que povoa o imaginário de muitos acadêmicos, o “revisor 2”, certamente criticará o tom ensaístico desta introdução. Uma forma de reduzir qualquer trabalho que não caiba nos moldes exportados do Norte e aplicados com gosto nos “*templates*” desenhados para eventos acadêmicos, revistas e outras produções. Por outro lado, a reflexão autobiográfica pretende também delinear algumas das limitações do presente trabalho, explicitando certos vícios ou preferências do autor forjadas ao longo da sua carreira.

Em relação a esse último aspecto, este artigo surge de um desconforto. Embora compartilhe parcialmente da crítica de Bourdieu (2008) de que nenhuma história de vida é uma sucessão de acontecimentos lineares e aleatórios, tendo a me aproximar dos postulados de autores do chamado Sul Global que compreenderam a possibilidade de forjar construções teóricas a partir de histórias de vida. Nesse sentido, tanto a identidade como a vida de um sujeito, embora ilusórias pela sua dimensão narrativa, não devem ficar restritas ao universo do senso comum; são instrumentos de produção de conhecimento. Com efeito, Maria da Glória Oliveira (2017), importante historiadora latino-americana, questiona as interdições bourdieusianas à ilusão biográfica. Defende que a capacidade narrativa faz parte dos traços que constroem a nossa identidade e que esta pode (ou não) ser um instrumento de construção de conhecimento, entre os quais está o científico.

Nesse sentido, ao realizar uma autoanálise da minha biografia como pesquisador, observo que tenho uma trajetória migratória entre escolas e tradições. Para além desimportância da minha biografia, nos últimos anos, de forma mais acentuada, alguns colegas começaram a rotular-me como um investigador do Sul Global. Curiosamente, outros como do Norte Global. Da minha deslocalização acadêmica surgiu a motivação para preparar este artigo, uma busca por entender o que é o Sul Global, em geral, e na comunicação em particular, dentro e fora

de mim. Embora, como nos lembra hooks (2019), devamos ter em mente que “a posse de um termo não faz surgir o processo ou a prática; ao mesmo tempo pode-se teorizar sem nunca conhecer-possuir o termo” (p. 125). A referida autora afirmou isso para, por exemplo, assumir que alguém poderia ser feminista (e produzir academicamente sob esse ponto de vista) sem nunca ter usado a palavra feminismo. Certamente não me tornarei um pesquisador do Sul ou do Norte Global com base no uso de um termo ou de outro. Questioná-lo, porém, é parte fundamental da minha prática.

Assim, este texto tem como objetivo discutir as linhas epistêmicas utilizadas sob a égide do conceito de Sul Global, em geral, e no campo da comunicação em particular, para, a partir disso, relativizar tal uso à luz das correntes e tradições da comunicologia ibero-americana. Assim, está estruturado em duas partes.

Num primeiro momento, farei uma breve reconstrução da origem e do desenvolvimento do termo Sul Global e dos debates que destacam os seus aspectos mais positivos ou restritivos para as ciências sociais hoje. É interessante destacar, embora não seja exatamente o centro deste trabalho, que o desenvolvimento do referido termo dentro de um “capitalismo acadêmico” (Brunner et al., 2019) tem características muito notáveis e ajuda a identificar como isso favorece uma certa institucionalização do Sul Global como uma categoria ou rótulo no mercado global de ideias acadêmicas. Em outras palavras, uma espécie de *branding*.

Num segundo momento, identificamos alguns dos trabalhos forjados no campo da comunicação sob o guarda-chuva do termo Sul Global e como estes discutem, e se constituem, a partir de termos como decolonialidade, desocidentalização e epistemologia do Sul. Certamente essa segunda parte é bastante limitada pela capacidade de leitura do autor e pela impossibilidade ontológica de capturar a amplitude da produção acadêmica. Apesar disso, procuro manter o debate sobre a constituição (ou não) de um espaço de poder para as ideias forjadas a partir de outras epistemologias, especificamente do termo Sul Global, para, ainda que de forma bastante abreviada, colocá-lo em perspectiva com o pensamento comunicacional latino-americano. Essa última escolha baseia-se muito mais na geografia do meu conhecimento do que em critérios objetivos. Assim, não tem uma ambição quantitativa, senão mais qualitativa, e representa, sem sombra de dúvidas, uma limitação deste trabalho.

Do ponto de vista metodológico, seguimos a proposta de hooks (2019), segundo a qual o estudo de um elemento teórico – o conceito de Sul Global, neste caso – ocorre a partir da prática do autor no campo. O seu potencial autor-reflexivo e crítico é, ao mesmo tempo, a sua limitação e principal desvantagem.

**ALGUMAS CONTRADIÇÕES DE UM TERMO EM DISPUTA**

O termo Sul Global, apesar de sua imprecisão (Dirlik, 2007), remonta historicamente às tradições dos estudos pós-coloniais que buscavam reorganizar os termos usados nas décadas de 1970 e 1980 para designar países como subdesenvolvidos ou de terceiro mundo (Sajed, 2020). Nesse sentido, tem um aspecto geopolítico muito claro. Contudo, como explica Mahler (2018), pode-se considerar a existência de três linhas de desenvolvimento epistêmico a seu respeito. Não são perspectivas estagnadas ou contraditórias, mas sim correntes que dialogam entre si. A citada autora não nomeia essas três linhas, embora as descreva. Os títulos apresentados na Figura 1 são, na verdade, uma consequência da minha leitura do texto de Anne Mahler. Assim, chamo as três linhas de econômica, geográfica e política.

A primeira linha – que chamei de econômica – tem origem em organizações não-governamentais (ONGs), no Movimento dos Países Não Alinhados, em instituições como o Banco Mundial, entre outras, que passaram a usar o termo “Sul Global” para se referir aos estados-nações “subdesenvolvidos”. É daí que nascem as críticas a essa expressão, a partir do discurso de posse, em 1949, do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, para quem a ordem mundial após a Segunda Grande Guerra se baseava na existência de países desenvolvidos e de países subdesenvolvidos. Uma visão que, além dos preconceitos, baseia-se numa concepção linear do progresso econômico dentro do modo de produção capitalista, supervalorizando a economia em detrimento de outros elementos culturais ou sociais.

Da mesma forma, no contexto da Guerra Fria, o subsequente Movimento dos Países Não Alinhados formou um grupo de nações localizadas principalmente no sul geográfico do globo (tanto de membros como aqueles considerados observadores). Comum a todos esses países, do ponto de vista econômico, existia (e ainda existe, em muitos casos) uma grande dependência de instituições financeiras internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), ou de cooperação internacional (Banco Mundial, Fundo das Nações Unidas para a Infância [Unicef], Organização das Nações Unidas [ONU], entre outras).

A tudo isso devemos acrescentar a ideia de Terceiro Mundo, um conceito forjado para designar países em desenvolvimento econômico ou não totalmente industrializados, em contraste com os do Primeiro Mundo (países capitalistas desenvolvidos) e do Segundo Mundo (bloco comunista). Nesse sentido, como já mencionado acima, as mudanças estruturais na ordem econômica e geopolítica após o fim do regime socialista soviético levaram à substituição do termo terceiro mundo pelo de Sul Global. Em termos gerais, os efeitos da emergência da nova ordem mundial pós-1989, com o fim do bloco comunista, a consolidação

do neoliberalismo como ideologia majoritária e a expansão da globalização, constituíram-se como raízes para a transmutação gradual do termo Terceiro Mundo ao Sul Global. Nesse sentido, como explica Sajed (2020), a ideia de Sul Global não pode ser entendida desvinculada do conceito de Terceiro Mundo. Com efeito, para o referido autor, o legado do Terceiro Mundo e os seus enquadramentos históricos são fundamentais para compreender o que está subjacente ao conceito de Sul Global.

Apesar da importância da economia, a própria história convida-nos a pensar que esse termo também se refere a processos e disputas desterritorializados, entre forças hegemônicas e povos, países ou acadêmicos subjugados. Nesse sentido, Mahler (2018) apresenta uma segunda linha de desenvolvimento do conceito de Sul Global, na qual o termo é utilizado para designar pessoas, grupos ou regiões impactadas negativamente pela globalização. Nesse sentido, defende-se que existe o Sul no Norte e o Norte no Sul. Para um hispano-brasileiro, como o autor deste artigo, não é difícil encontrar símiles. Numa mesma rua da cidade de São Paulo é possível encontrar o mais elaborado cardápio gastronômico com influências globais em um espaço arquitetônico pensado a partir de elementos sustentáveis e um cenário de fome e exclusão social extremas em suas manifestações mais desumanizadoras. Da mesma forma, cidades de países do Norte Global, como Filadélfia, nos Estados Unidos, têm dentro de si o seu Sul e Norte particulares. Durante a pandemia da covid-19, conforme notou o *Wall Street Journal* (Bykowitz, 2021), com as restrições sanitárias, enquanto estudantes dos bairros mais ricos e do centro da referida cidade migraram sem dificuldade do ensino presencial para o virtual, os alunos das escolas públicas com menos recursos econômicos não conseguiam seguir o mesmo caminho, uma vez que, em suas casas, muitas vezes o único computador disponível era destinado ao trabalho de um dos pais. Vale esclarecer aqui que o Norte ou o Sul de uma visão geopolítica não coincide necessariamente com o norte ou o sul geográfico. O mesmo acontece com a ideia de centro-periferia. Como nos alerta o geógrafo Milton Santos (2000), o centro pode estar na periferia geográfica ou vice-versa, dependendo não apenas do plano físico, mas também de elementos tecnológicos e de poderes econômicos e políticos. Segundo esse autor, a globalização altera o conceito de espaço.

Outros exemplos podem ser mencionados como paradigmáticos para compreender que a desterritorialização do Norte-Sul Global nos permite mergulhar na complexidade das desigualdades. É possível estar no norte geográfico global vivendo em condições de exclusão política e de dependência econômica, descritas como características de algum território do Sul Global, ou vice-versa. Assim, Milton Santos (2000) antecipou o potencial das tecnologias de comunicação

para transformar espaços e gerar desigualdades sem necessariamente pensar os eixos geográficos tradicionais. Tudo isso, segundo Ballestrin (2020), permite afastar-nos de uma visão binária que simplifica, reduz e limita a ideia de Sul Global ao seu essencialismo. Em síntese, para o referido autor trata-se de um termo que questiona, de um ponto de vista complexo, “a (re)produção do poder (neo)colonial e (neo)imperial, especialmente no atual contexto de crescentes desigualdades globais” (p. 1).

De tal forma essa segunda perspectiva – que chamamos de geográfica – baseia-se na desterritorialização do poder para articular espaços, vozes e ideias dominadas pelas externalidades do capitalismo. A geografia, aqui, adquire mais uma aparência de economia política do que de pura cartografia ou territorialidade meridional. É importante, nesse segundo núcleo de desenvolvimento epistêmico, situar o capitalismo como agente catalisador das geografias da exclusão, das quais o Sul Global emerge como contraponto, como um mecanismo para conferir visibilidade a partir das margens ou periferias que não são necessariamente binárias.

Uma terceira visão, que chamamos de política, baseada na proposta de Anne Mahler (2018), apropria-se de parte dos elementos descritos nas duas linhas anteriores. Contudo, ao longo das últimas quase quatro décadas, essa perspectiva desenvolveu o conceito de Sul Global como um imaginário de resistência de um sujeito político transnacional. O Sul Global é entendido, assim, como uma resposta política pós-colonial (Prashad, 2012).

Com efeito, o trabalho de Vijay Prashad é um exemplo no qual a história dos países do Sul Global é reconstruída com base nas suas experiências coloniais para forjar um espaço de cooperação Sul-Sul, especialmente com base na ação desses países em instituições internacionais em questões de paz, justiça e cooperação. Em *The poorer nations: a possible history of the Global South*, o referido autor recupera elementos de seus trabalhos anteriores sobre a constituição do Terceiro Mundo e o Movimento dos Países Não Alinhados. Tal como Prashad, autores como Bhabha (2004) também contribuem para essa terceira perspectiva teórica sobre o Sul Global. Este último desenvolve uma poderosa teoria pós-colonial baseada no postulado da ambivalência e da hibridização cultural, entre outros instrumentos, como capazes de gerar movimentos práticos de mudança política baseados em elementos comuns às pessoas.

Tanto Homi Bhabha quanto Prashad utilizam o termo Sul Global para pensar sobre elementos de agência subalterna relacionados às estruturas de poder do capitalismo global e às elites dominantes em contextos transnacionais. A seguir, sintetizamos as três linhas de desenvolvimento epistêmico do Sul Global de acordo com nossa leitura da proposta de Mahler (2018).

**Figura 1***O conceito de Sul Global e as suas principais linhas epistêmicas*

Econômica	Estados-nações/desigualdades econômicas <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Visão da cooperação e Econômica do Banco Mundial</li> <li>◦ ONGs e agências de cooperação econômica</li> <li>◦ Movimento dos Países Não Alinhados</li> </ul>
Gegráfica	Desterritorialidade nas externalidades do capitalismo <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Visibilidade dos povos dominads</li> <li>◦ A existência das características de desigualdades do Sul no Norte e do Norte no Sul</li> </ul>
Política	Resistências dos sujeitos políticos transnacionais <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Globalização do capitalismo</li> <li>◦ Sul global como resposta política poscolonial</li> <li>◦ Solidariedade Sul-Sul como articulação multipolar do poder em rede</li> </ul>

*Nota.* Elaboração própria a partir de Mahler (2018).

É precisamente a partir do desenvolvimento do que denominamos como terceira linha epistêmica (Política) que Sinah Theres Kloß (2017) destaca o potencial heurístico subversivo do termo Sul Global, ou seja, como um conceito criado para tensionar o pensamento geopolítico que permeia diversas áreas do conhecimento e do poder. Com efeito, Luciana Ballestrin (2020) defende o Sul Global como “um projeto político permanentemente contestado por forças progressistas ou regressivas num contexto multipolar” (p. 3).

Contudo, Clarke (2018) destaca que, em determinadas circunstâncias, nos últimos anos o Sul Global passou a ser usado como um atalho para dizer qualquer coisa ou marcar uma posição intelectual. Soma-se a isso uma pesquisa interessante – embora limitada – realizada por Pagel et al. (2014) sobre o uso do termo Sul Global em trabalhos de ciências sociais e humanas. Segundo os referidos autores, até 1996 a menção ao assunto em revistas científicas internacionais era apenas residual. Em 2004 a situação não era muito diferente, quando apenas 19 publicações utilizaram o termo. Porém em 2013 esse número saltou para mais de 240 menções. Cabe ressaltar que o estudo bibliométrico limitou-se aos periódicos indexados na base de dados Scopus e com o tesouro “*Global South*”, em inglês, ironicamente, excluindo revistas e outras publicações do Sul Global, que, na sua maioria, não estão incluídas no Scopus, nem utilizam o inglês como língua vernacular. Para piorar a situação, o referido estudo foi realizado na Alemanha, por investigadores alemães especializados em bibliometria, mas descontextualizados do debate epistêmico acima descrito.

A dimensão quantitativa, portanto, não capta as nuances de um conceito que é teórico, mas também político, embora tais críticas também possam ser lidas como políticas, como uma reação da ordem – do Norte, dos métodos mais positivistas e de uma visão de ciência unitária – à (des)ordem proposta sob a égide do Sul Global.

Toshkov (2018), por sua vez, reafirma as críticas ao uso do termo Sul Global. Também a partir de um estudo de corte quantitativo, utilizando N-gram, analisa a evolução do termo “Sul Global” em livros (Google Books) e revistas indexadas. Em termos gerais, chega a conclusões semelhantes às de Pagel et al. (2014). Ambos os estudos, na minha opinião, revelam uma crítica importante. De uma perspectiva quantitativa argumentam que a adoção do termo Sul Global se tornou uma tendência ou moda para além de outros elementos ou critérios. Embora pessoalmente possamos discordar disso, os referidos autores apresentam dados e uma crítica importante para o debate. Isso permite “impensar” o trabalho das ciências sociais, como sustenta Wallerstein (2006), ao confrontar um termo presente na agenda atual baseado em paradigmas típicos do século XIX. Justamente por isso essas críticas, embora elaboradas com toda a sofisticação computacional e estatística, não captam nenhum dos elementos epistêmicos descritos anteriormente. Ignoram a dimensão política, econômica e geopolítica do termo Sul Global. Reproduzem, em certa medida, os enquadramentos positivistas que dividem e legitimam o conhecimento científico entre duas partes: o falsificável e o não falsificável, como apontou Popper (1988) um dia.

Na linha crítica do termo Sul Global, no entanto, vários autores como Palomino (2019), entre outros, entram nas profundezas da discussão a partir de uma perspectiva política, geográfica e econômica. Pablo Palomino aponta especificamente as desvantagens de usar o termo “Sul Global” para os chamados “Estudos Latino-Americanos”. Ele reforça a imprecisão do termo, que, em sua opinião, é constituído mais pelo seu uso do que pela sua ontologia. Destaca as consequências ideológicas e recupera a análise de Gramsci, em “A Questão do Sul”, em que o pensador italiano fala da disputa entre o norte e o sul da Itália pela formação de uma nação, uma disputa basicamente entre uma região industrializada e uma região agrícola. Com base nisso e no conceito de Terceiro Mundo, Palomino analisa as rupturas e continuidades subjacentes ao conceito de Sul Global. Conclui que ao adotar Sul Global em vez de Estudos Latino-Americanos, por exemplo, perde-se grande parte do potencial heurístico e de toda a construção intelectual forjada nesse espaço do mundo sob o domínio do imperialismo capitalista (cultural, econômico e político) do Norte.

Apresentadas as principais linhas de desenvolvimento epistêmico, assim como alguns dos eixos de crítica ao termo Sul Global, entendo que tudo isso



nos convida, com base no que trabalhamos até agora, a olhar mais de perto para o estatuto desse termo nos estudos de comunicação, o que farei a partir de um olhar ibero-americano e limitado à minha trajetória.

## A INSTITUCIONALIZAÇÃO E USO DO TERMO GLOBAL SOUTH NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

Na última década, principalmente na sua visada anglófona, o termo Sul Global ganhou espaços institucionais (como a criação de vários centros ou redes de investigação, como o Global South Studies Center [GSSC], na Universidade de Colônia, Alemanha; o Consortium for the Global South, promovido pela Universidade de Cambridge, Reino Unido, entre outros). Autores com ampla presença no debate sobre comunicação global, como Marwan Kraidy – que com Toby Miller (2016) escreveu o livro *Global Media Studies* –, criaram o Instituto de Estudos Avançados no Sul Global, na filial da Northwestern University, no emirado do Qatar. Curiosamente, muitos desses espaços foram criados em universidades do Norte Global, embora em grande medida sejam liderados ou hospedem investigadores de países do Sul Global.

Ao mesmo tempo, muitas publicações acadêmicas abriram espaço para trabalhos sobre o Sul Global, quer seja a partir da criação de periódicos específicos, como o *Journal of Global South Studies*, editado pela Universidade da Flórida, nos Estados Unidos, quer seja a partir da inclusão do pensamento de autores do Sul Global nas agendas das principais publicações científicas, muitas das quais promoveram números especiais dedicados ao pensamento do Sul. Aqui, porém, há uma nuance: mais do que tudo, muitas das publicações com altos índices de impacto (Scopus ou Web of Sciences) publicaram dossiês específicos.

Especificamente no campo da comunicação, em 2020, por exemplo, a revista *Annals of the International Communication Association* (ICA) foi dedicada ao esforço de “descolonizar os estudos de comunicação”, abrindo espaços para pesquisas do Sul Global. Outra publicação considerada hegemônica no campo da comunicação, *Communication Theory*, também em 2020 publicou um número especial sobre a teorização da comunicação a partir do Sul Global. Destaca-se para o dossiê do *Journal of Communication*, de 2021, sobre a produção de conhecimentos abertos em comunicação. Nessa ocasião, sob o tema “Open Communication Research”, não apenas artigos sobre o Sul Global, mas de perspectivas plurais contribuíram com visões descolonizadoras do pensamento hegemônico da comunicação. Comum a todas essas publicações é o louvável esforço das revistas de impacto indexadas (no primeiro quartil da base de dados

do Web of Science) em oferecer espaços para outras perspectivas, outras visões de outras latitudes geográficas, políticas e intelectuais.

Certamente a tradição dos Estudos Culturais semeou um terreno fértil para a recepção do termo Sul Global no campo da comunicação. O caleidoscópio de teorias e métodos desenvolvidos a partir dos estudos culturais no Norte Global, bem como o seu compromisso social e político, geraram um legado importante, destacado por Hall (1996) como uma das grandes contribuições desse paradigma. Do meu ponto de vista essa herança deve ser aqui circunscrita como um dos substratos fundamentais para o desenvolvimento contemporâneo do pensamento do Sul Global na agenda comunicacional do Norte.

Não obstante, assim como com os estudos culturais, no caso do Sul Global, gerou-se um “ventriloquismo”, termo utilizado por Stuart Hall (1996) para criticar aqueles investigadores que repetem conceitos sem os compreender ou aderem a uma corrente – na crítica de Hall, os Estudos Culturais; na minha crítica, o “*Global South*” – sem uma coerência teórica clara ou um compromisso político. Dessa forma, entendo, poderia ser assumido um paralelo para explicar o recente avanço do emprego do Sul Global. Apesar disso, ainda seguindo Hall (1996) e o paralelismo com os estudos culturais, está sendo gerado um conjunto de conhecimentos conjunturais em torno do termo Sul Global, localizados e aplicados a partir de determinadas circunstâncias históricas ou políticas capazes de revelar uma agenda – temática, metodológica e referencial – nos espaços acadêmicos do Norte Global que há mais de 70 anos vem sendo desenvolvida sob a ideia de “escola latino-americana de comunicação” (León Duarte, 2007).

Com efeito é interessante notar como a ideia do Sul Global ganhou terreno no campo da comunicação, seguindo a linha dos estudos pós-coloniais, promovidos a partir de centros do Norte Global. As brechas abertas nesses espaços institucionais ajudaram no desenvolvimento de um termo que busca estabelecer uma dimensão multipolar também na produção de conhecimentos científicos.

Nessa linha, é interessante destacar a análise de Albuquerque e Oliveira (2021). Esses autores defendem a tese de que na década de 1990 o pensamento comunicacional latino-americano foi capaz de desenvolver um processo entrópico de desenvolvimento e preservação de sua vitalidade diante do avanço do neoliberalismo e do capitalismo acadêmico. Com isso, num contexto histórico extremamente desfavorável, a escola latino-americana conseguiu preservar-se e criar um circuito bastante vigoroso de intercâmbio acadêmico, apesar das dúvidas e relutâncias de muitos pares.

Como leitor de autores ibero-americanos, não é trivial destacar que, atualmente, muitas publicações internacionais no campo da comunicação começam a deixar de ver autores como Paulo Freire ou Jesús Martín-Barbero

a partir de um exotismo geográfico para posicioná-los como revolucionários em decorrência do valor universal de seus pensamentos. Contribuições como as de Pleyers e Suzina (2016) ou Suzina e Tufte (2020), entre outras, destacam a relevância de uma epistemologia produzida a partir do Sul Global que esteja comprometida com a comunicação como instrumento de mudança social, destacando a ontologia proposta por Paulo Freire e suas reverberações nos campos da arte, a partir de Augusto Boal ou da visão comunicacional estabelecida por Juan Diaz Bordenave.

Porém, fora das edições de números especiais dedicados ao Sul Global, a dinâmica editorial das principais revistas segue o rumo exclusivo para autores que não seguem o critério de teorias e métodos do Norte Global. Sem qualquer pretensão bibliométrica, uma olhada como leitor nas edições subsequentes dos referidos periódicos não deixa dúvidas. Depois das edições especiais, restam poucos artigos com visão decolonial ou de eixos epistemológicos meridionais. Passam pelo “corte abissal”, parafraseando Boaventura Sousa Santos (2018), aquelas obras do Sul Global quando elaboradas sob o roteiro do Norte, seja em relação à estrutura textual, seja em relação aos métodos (principalmente quantitativos) ou autores citados.

Isso posto, a crítica de Semujju (2020) parece ter passado despercebida. Em uma dessas edições especiais dedicadas ao Sul Global – especificamente a do periódico *Communication Theory* –, o referido autor critica a pretensão universal e a concessão implícita dos editores para teorias ou conclusões forjadas por autores nos/dos contextos de produção científica do Norte Global. Por sua vez, uma teoria da comunicação feita por autores de Uganda (exemplo do autor) teria que, para ser aceita, primeiro passar por todos os filtros e réplicas em outros espaços do Norte antes de assumir o estatuto de teoria.

Em resumo, a teoria da dependência econômica das décadas de 1960 e 1970 explicava a divisão internacional do trabalho e do comércio como fonte de uma geoestrutura de poder entre o Norte e o Sul parece ser um símile útil para explicar o funcionamento de alguns campos científicos, especificamente numa parte importante das revistas dedicadas à investigação em comunicação.

Nesse contexto ambivalente entre a oportunidade de visibilidade e a redução alegórica, carnavalesca, autores como Suzina e Madrid Sartoretto (2021) revelam os seus sentimentos ambíguos. Como autoras do campo da comunicação latino-americano, revelam que se descobriram como tais no Norte Global. Não sem surpresas, ainda se sentem incomodadas entre duas áreas que não deveriam ser vistas como opostas, apesar das suas constituições históricas diferentes.

Diante disso, procuramos contrastar essas propostas com as diversas tradições epistêmicas desenvolvidas pela escola latino-americana de comunicação

(León Duarte, 2007) e pela chamada “epistemologia do sul” (Herrera Huérfano et al. 2016; Meneses & Bidaseca 2018), num esforço para colocar em perspectiva o potencial do Sul Global e as suas omissões diante dos andaimes construídos pelo pensamento comunicacional latino-americano.

Para nós que viemos do Sul global, é indubitável a contribuição de autores como Jesús Martín-Barbero, Ciro Marcondes Filho, Mario Kaplún, Vera França, Immacolata Lopes, Lucia Santaella, entre outros. Comum a todos esses autores está a contribuição para as ciências da comunicação numa perspectiva não essencialista, ou seja, em diálogo com outros autores e tradições, independentemente de serem do Norte ou do Sul Global. Em tempos de polarização – não apenas política, mas também teórica – e de chegada da cultura do cancelamento na academia, esses autores são exemplos de como o pensamento comunicacional latino-americano se constrói num diálogo franco, sem visão de superioridade/inferioridade, sem trincheiras. A proposta de mediação e consumo cultural de Martín-Barbero (2010) surge do seu diálogo com a Escola de Frankfurt, os estudos culturais britânicos e a cultura popular latino-americana. A Nova Teoria da Comunicação de Marcondes Filho (2008) é revisada sem deixar indiferentes tanto os autores europeus da sociologia da comunicação quanto a escola latino-americana para forjar uma ideia de comunicação baseada no sensível. Kaplún (1998) incorpora o sentido de comunidade à comunicação num amplo movimento de diálogo com clássicos europeus e latino-americanos, que lhe permite propor a comunicação como espaço transformador. A formação europeia de Vera França (2012, 2014) e o seu trânsito entre a sociologia e a antropologia lhe ajudam não só a realizar um rigoroso trabalho de meta-investigação em teorias da comunicação, mas também a construir uma proposta *sui generis* sobre os acontecimentos, os meios de comunicação e a sociabilidade. Nessa mesma direção caminha o trabalho de Lopes (2010), excelente em expor tradições (sejam europeias, sejam ibero-americanas), bem como em lançar sua própria proposta de métodos de pesquisa em comunicação a partir do estudo da telenovela e do rádio nas periferias. Por sua vez, Santaella (2004) não é apenas uma referência na introdução da semiótica de Pierce no Brasil, mas também um dos pioneiros nas reflexões sobre os impactos das tecnologias digitais na comunicação e na cultura.

No entanto, certamente um dos espaços em que a epistemologia do Sul obteve maior aceitação internacional limita-se ao campo da investigação em comunicação para a mudança social. Como explicam Suzina e Tufte (2020), o legado de Paulo Freire favoreceu o pensamento e a obra de Augusto Boal, no âmbito das artes cênicas, de Juan Díaz Bordenave, na comunicação, e de Boaventura de Sousa Santos, na epistemologia da ciência. Esses três autores conseguiram,

até certo ponto, quebrar os padrões do poder acadêmico. Para usar a expressão de Boaventura, forjaram uma “epistemologia pós-abissal”.

Nesse sentido, de Sousa Santos (2019) defende uma epistemologia do Sul que seja capaz de se articular em torno de cinco eixos. Em primeiro lugar, romper a linha abissal (Norte-Sul) e os vários tipos de exclusão social que ela cria. Nesse ponto não está longe, diga-se, da proposta de Milton Santos (2000), acima mencionada, em relação ao redesenho Norte-Sul ou centro-periferia. Em segundo lugar, em consequência, poder trabalhar tanto numa perspectiva sociológica das ausências como das emergências. Tudo isso refere-se, em terceiro lugar, à ecologia do conhecimento e à possibilidade de tradução intercultural, que seja capaz de incluir conhecimentos produzidos com matrizes diversas, permitindo uma síntese criativa destes. Ao que, finalmente, devemos acrescentar um artesanato de práticas, um colocar a mão na massa na cozinha do empirismo.

Mais do que uma receita, a proposta de Boaventura de Sousa Santos é um convite para articular, seja sob a ideia de uma epistemologia do Sul ou do termo Sul Global, a decolonialidade do ser (dos sujeitos, de nós) em paralelo com a decolonialidade do poder e do conhecimento. Tudo isso, pelo que entendi, foi (e continua a ser) feito pelos autores mencionados acima como parte da escola latino-americana de comunicação sem que necessariamente o expressem diretamente. Recuperando e parafraseando novamente bell hooks (2019), você não precisa dizer que é do Sul para ser. Porque, além disso, são autores que desenvolveram um pensamento híbrido, que amplia horizontes teóricos, metodológicos e empíricos. Neste ponto, talvez, caiba um apontamento crítico a de Souza Santos (2019) porque, apesar de seu louvável esforço em destacar o pensamento do Sul Global no Norte (geográfico), ele serve como intermediário ou, como diz Moira Millán (2016), realiza uma espécie de expropriação conceitual.

Seja como for, vale destacar esforços como o de Herrera Huérfano et al. (2016), para combinar a epistemologia do Sul com a escola latino-americana, representando não apenas construções teóricas, mas também uma agenda política para pesquisa em comunicação. Poderíamos citar muitos outros temas e visões bastardas – no sentido proposto por Omar Ricón –, como a de Marques Gonçalves (2020), ao tematizar a identidade cigana e os públicos, ou a de Lamech Mogambi Ming’ate (2015), ao trabalhar sobre as tecnologias de comunicação numa perspectiva originalmente queniana, para não me limitar ao espaço ibero-americano.

Contudo, sob a influência do capitalismo acadêmico produtivista, parece hoje pouco provável – pelo menos no domínio da comunicação – que os espaços institucionais do Norte Global permitam um diálogo verdadeiramente científico com tudo o que se situa fora do seu eixo geopolítico ou de seus métodos e teorias.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há mais de 15 anos Dirlik (2007) defendia a ideia de que o Sul Global se constituía como um eixo também para a produção de conhecimento e poder. A China, entre outros países que então formavam os BRICS, materializava a promessa de uma nova ordem mundial multipolar. Apesar da previsão, para além de uma análise geopolítica, os vestígios investigados neste artigo e recolhidos pelo autor na sua trajetória pessoal permitem falar da consolidação do termo Sul Global como um eixo epistêmico, impreciso, plural e com pelo menos três linhas de desenvolvimento.

Embora seja verdade que, no campo da investigação em comunicação e nas ciências sociais, o Sul Global se tornou um certo fetiche do Norte, enquanto projeto político este permitiu dar visibilidade a muitas obras e autores até então limitados a uma dimensão local. A partir de espaços institucionais, um certo “lugar de fala” é conferido aos autores da escola latino-americana de comunicação, sob o rótulo de Sul Global na polifonia científica. Certamente essa é uma visão otimista que requer uma boa dose de realismo: grande parte dela é alegórica e não implica mudanças nas engrenagens do capitalismo acadêmico.

Em grande medida, como argumenta Nina Schneider (2017), parece que a construção do Sul Global ou de uma epistemologia do Sul é deixada nas mãos de intelectuais comprometidos e politizados. Vemos aqui mais uma das contradições do neoliberalismo. Embora a estrutura da exclusão e a colonialidade do poder sejam obra de uma elite e de uma estrutura, a responsabilidade por qualquer mudança em direção ao coletivo e ao comum é relegada à ação individual. Missão impossível para investigadores que, jovens ou não tão jovens, têm que construir as suas carreiras espremidos entre os cânones do Norte Global e a agenda política transformadora do Sul Global. ■

### REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A., & Oliveira, T. (2021). Pensando o recolonial nos estudos da Comunicação: reflexões a partir da América Latina. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 18(51), 82-102. <https://doi.org/10.18568/cmc.v1reflexões8i51.2521>
- Ballestrin, L. (2020). The Global South as a Political Project. *E-International Relations*. <https://www.e-ir.info/2020/07/03/the-global-south-as-a-political-project/>
- Bhabha, H. K. (2004). *The Location of culture*. Routledge.
- Bourdieu, P. (2008) *Cuestiones de sociología*. Akal.
- Brunner, J. J., Vargas, J. R. L., Ganga, F., & Rodríguez-Ponce, E. (2019). Idea moderna de universidad: de la torre de marfil al capitalismo académico. *Educacion XX1*, 22(2), 119-140. <https://doi.org/10.5944/educxx1.22480>

- Bykowicz, J. (2021, 9 de fevereiro). How Covid-19 Deepened Political Divides in Pennsylvania's Capital. *Wall Street Journal*. <https://www.wsj.com/articles/how-covid-19-deepened-political-divides-in-pennsylvanias-capital-11612879200>
- Clarke, M. (2018). Global South: what does it mean and why use the term?, *University of Victoria, The Online Academic Community* <https://onlineacademiccommunity.uvic.ca/globalsouthpolitics/2018/08/08/global-south-what-does-it-mean-and-why-use-the-term/>
- Dirlik, A. (2007). Global South: Predicament and Promise. *The Global South*, 1(1-2), 12-23. <https://doi.org/10.2979/gso.2007.1.1.12>
- França, V. (2012). O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, 12(24), 10-21. <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>
- França, V. (2014). Criticism and metacritique: contribution and responsibility of the communication theories. *Matrizes*, 8(2), 101. <https://doi.org/10.11606/ISSN.1982-8160.V8I2P101-116>
- Gonçalves, G. M. (2020). Pueblo gitano y consumo mediático informativo: ¿audiencia crítica y activa? *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 7(13), 164-184. <https://doi.org/10.24137/raeic.7.13.8>
- Hall, S. (1996). Cultural studies and its theoretical legacies. In: D. Morley & K.-H. Chen (Eds.), *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies* (pp. 262-275). Routledge.
- Herrera Huérfano, E., Sierra Caballero, F., & del Valle Rojas, C. (2016). Hacia una Epistemología del Sur. Decolonialidad del saber-poder informativo y nueva Comunicología Latinoamericana. Una lectura crítica de la mediación desde las culturas indígenas. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (131), 77-105.
- hooks, b. (2019). La teoría como práctica liberadora. *Nómadas*, 50(50), 123-135. <https://doi.org/10.30578/nomadas.n50a8>
- Kaplún, M. (1998). *Una pedagogía de la comunicación*. Ediciones de la Torre.
- León Duarte, G. A. (2007). *La Nueva hegemonía en el pensamiento latinoamericano de la comunicación : un acercamiento a la producción científica de la Escuela Latinoamericana de la Comunicación*. Universidad de Sonora.
- Lopes, M. I. V. (2010). *Pesquisa em comunicação*. Loyola.
- Mahler, A. G. (2018). *From the Tricontinental to the Global South: Race, Radicalism, and Transnational Solidarity*. Duke University Press.
- Maingueneau, D. (2018). Análisis del discurso, literatura y ciencia. *Arbor*, 194(790), 484. <https://doi.org/10.3989/arbor.2018.790n4009>.
- Marcondes Filho, C. (2008). *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria*. Paulus.

- Martín-Barbero, J. (2010). *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Anthropos.
- Meneses, M. P., & Bidaseca, K. (Eds.) (2018). *Epistemologías del Sur*. CLACSO. <https://doi.org/10.2307/j.ctvnp0k5d>
- Miller, T., & Kraidy, M. (2016) *Global Media Studies*. Cambridge: Polity.
- Ming'ate, F. L. M. (2015). The Global South: What does it mean to Kenya? In: *Concepts of the Global South: Voices from around the world* (p. 8). [https://kups.ub.uni-koeln.de/6399/1/voices012015\\_concepts\\_of\\_the\\_global\\_south.pdf](https://kups.ub.uni-koeln.de/6399/1/voices012015_concepts_of_the_global_south.pdf)
- Oliveira, M. G. (2017). Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi*, 18(35), 429-446. <https://doi.org/10.1590/2237-101x01803509>
- Pagel, H., Ranke, K., Hemple, F., & Köler, J. (2014). The Use of the Concept Global South in Social Science & Humanities. In: *Globaler Süden/Global South: Kritische Perspektiven*. Institut für Asien - & Afrikawissenschaften - Humboldt-Universität. <https://www.iaaw.hu-berlin.de/en/transregion/mediality/events/archives/globaler-sueden-global-south-kritische-perspektiven.-einladung-zu-einem-studierenden-symposium>
- Palomino, P. (2019). On the disadvantages of “Global south” for Latin American Studies. *Journal of World Philosophies*, 4(2), 22-39. <https://doi.org/10.2979/jourworlphil.4.2.03>
- Pleyers, G., & Suzina, A. C. (2016). Media practices and the challenge of political asymmetries. *Observatorio (OBS\*)*, (spe). <https://doi.org/10.15847/obsOBS0020161082>
- Popper, K. R. (1988). *Conocimiento objetivo : un enfoque evolucionista*. 3a ed. Tecnos.
- Prashad, V. (2012). *The poorer nations: a possible history of the Global South*. Verso.
- Sajed, A. (2020). From the Third World to the Global South. *E-International Relations*. <https://www.e-ir.info/2020/07/27/from-the-third-world-to-the-global-south/>
- Santaella, L. (2004). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. Paulus.
- Santos, M. (2000) *La Naturaleza del espacio: técnica y tiempo, razón y emoción*. Ariel.
- Schneider, N. (2017). Between Promise and Skepticism: The Global South and Our Role as Engaged Intellectuals. *The Global South*, 11(2), 18. <https://doi.org/10.2979/globalsouth.11.2.02>
- Semujju, B. (2020) ‘Theorizing Dependency Relations in Small Media’, *Communication Theory*, 30(4), pp. 370–387. Available at: <https://doi.org/10.1093/ct/qtz032>.
- Sinah Theres Kloß. (2017). The Global South as Subversive Practice: Challenges and Potentials of a Heuristic Concept. *The Global South*, 11(2), 1. <https://doi.org/10.2979/globalsouth.11.2.01>



- Sousa Santos, B. (2018). Introducción a las epistemologías del sur. In: M. P. Meneses & K. Bidaseca (Eds.), *Epistemologías del Sur* (pp. 25-62). CLACSO. [,https://doi.org/10.2307/j.ctvnp0k5d.4](https://doi.org/10.2307/j.ctvnp0k5d.4)
- Sousa Santos, B. (2019). *El fin del imperio cognitivo : la afirmación de las epistemologías del Sur*. Editorial Trotta.
- Suzina, A. C., & Tufte, T. (2020). Freire's vision of development and social change: Past experiences, present challenges and perspectives for the future. *International Communication Gazette*, 82(5), 411-424. <https://doi.org/10.1177/1748048520943692>
- Suzina, A. C., & Sartoretto, P. M. (2021). Dossiê Pensamento comunicacional latino-americano: desafios e perspectivas da des-ocidentalização no Sul Global. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 18(51), 6-15. <https://doi.org/10.18568/cmc.v18i51.2541>
- Toshkov, D. (2018). The “Global South” is a terrible term. Don't use it! *Research Design in Political Science*. <http://re-design.dimiter.eu/?p=969>
- Wallerstein, I. (2006). *Impensar a Ciência Social: os Limites dos Paradigmas do Século XIX*. Ideias & Letras.

---

Artigo recebido em 16 de setembro de 2022 e aprovado em 16 de fevereiro de 2024.

